



A distinta pianista D. ELISA BATISTA DE SOUZA PEDROSO, calorosa propagandista do canto coral

N.º 375 Lisboa, 28 de Abril de 1913

Assinatura para Portugal, colonias
portuguezas e Hespanha:

Ano, 8\$500—Semestre, 2\$400—Trimestre, 1\$200

Ilustração
PORTUGUEZA

Dirêtor e Proprietari: J. J. DA S LVA GRAÇA
Editôr: JOSE' JOUBERT CHAVES

Rediçãõ, Administracãõ e C'ho' nas de Composiçãõ e Impressãõ: RUA DO SEGUNDO, 41

SELLOS E ALBUNS PARA COLLECÇÕES

300

T. H. LEMAIRE

10, Avenue de l'Opéra
PARIS

A mais importante casa francesa.

Stock immenso em sellos raros, medos e communs.

Remessa a escolha contra boas referencias.

Catalogo completo 2 fr. 90 franco.

Gratis e franco. Le Journal des Philatélistes, que dá em cada numero uma lista d'ocasioes excepcionaes a preços sem concurrencia.

A casa paga os mais altos preços e deseja comprar colleccoes e sellos de quem quiser quitallado ou importancia.

MEDALHA DE OURO, EXPOSITION UNIVERSALE
PARIS 1000

Perfume
exquisito
DIVINIA

Parfumerie F. Wolff & Sohn
Karlsruhe

Um perfume fortissimo de incedível aroma
num frasco muito elegante de cristal finissimo.

Encontra-se em todas as boas casas que ven-
dem perfumarias.

UM MAÇO DE SELLOS

DE 25500 RÉIS POR 500 RÉIS

O nosso maço N. C. C. 305 contém 120 sellos diferentes (catalogados 25300 réis) incluindo Australia Oriental, Hyderabad officinas, Chili (Pictorial) Mexico 10 c, Paraguay, Peru (Estatua) Zanzibar 2 1/2 anas não obliterado e uma bella colleção de 10 Jubileos Austriacos de 1 a 60 Hellers. Preço 160 réis, franco (mande-se o importe em sellos portuguezes não obliterados). Uma só a cada pedinte.

9.ª edição do «A. B. C.» catalogo dos sellos do mundo 870 paginas, Preço 200 réis (portuguez) franco.

GRANDES MAÇOS DE OCCASIOES:

200 sellos diferentes: preço	320 lrs. franco
500 »	1800 »
1000 »	3200 »
1500 »	7500 »
2000 »	12800 »
2500 »	208500 »

PAGAMENTOS POR VALES

BRIGHT & SON—164, STRAND, LONDRES W. C.

INGLATERRA

Comprem as
Sederias

Schweizer



Peçam as amostras de nossas novidades de primavera e verão para vestidos e bluzas: Crêpe de Chine, Eolenne, Voile, Foulards, Messaline, Mousselin: 120 em largo desde Francos 1,25 o metro, em preto, branco e côr; bem como das bluzas e vestidos bordados em lã, atista, lã, tela e seda.

Vendemos as nossas sedas de solidez garantida diretamente aos particulares e franco de porto no domicilio

Schweizer e Ca, Lucerne E 11 (Suissa)

Exportação de sedas — Fornecedores da Corte.



MOOTCY

Só não tem cabelo nem barba
quem quer !!

FAZEMOS NASCER

CABELLO aos calvos e barba aos sem ella em 20 a 24 dias

O genuino Mootcy é o unico preparo para barba e o cabelo que se produz segundo as ultimas experiencias da sciencia e é provado que o genuino Mootcy é o unico remedio que produz um tal effeito sobre as cellulas do cabelo e as raizes da barba que crescem logo depois da applicação.

O preço para o Mootcy é de 2\$515 réis por porção (uma porção chega perfeitamente).

MOOTCY DEPOT, Holmens Kanal, 30, Kopenhagen, 133

DEPOSITO EM LISBOA

Ferreira & Ferreira, Succesores

99, Rua da Prata, 101

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.

BAUME BENGUÉ
CURA TOTALMENTE
RHEUMATISMO-GOTA
NEURALGIAS

Venda em todas as Pharmacias

Para que viver?

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegrias, sem felicidade quando é tão facil obter FORTUNA, SAUDE, SORTE, AMOR COM RESPONDIDO, GANHAR AOS JOGOS E LOTERIAS, pedindo a curiosa brochura GRATIS do professor YTAO, 35, BOULEVARD BONNE NOUVELLE—PARIS.

CRONICA

ESTRANGEIRO.—*Vaticano: consideram-se demasiado otimistas as noticias acerca da saude do Papa.*—*Bruxelas: mantem-se em greve quinhentos mil operarios, que mandam os filhos para a Holanda.*

No leito onde o prostrou uma pneumonia de velho, atípica, central, que durante muito tempo desnorroteou os medicos, Pio X, a despeito do otimismo official do cardeal Merry e do professor Machiafava, extingue-se, pergaminha-se como uma mumia que se diria curvada ao peso do seu solidão branco e da sua cruz peitoral d'ouro maciço. É uma luz que se apaga, que estremece, que bruxoleia, no meio das ambições dos cardeaes vermelhos de hoje,—que cada um d'elles se julga, pelo menos de direito, o Papa de amanhã. Simbolo do catolicismo romano absorvente e magnifico, expressão decrepita da maior grandeza que algum dia existiu sobre a terra, Pio X, lucido ainda, deve estar assistindo com assombro e com respeito a essa afirmação imponente de forças organizadas e de abnegações grandiosas que é a greve geral da Belgica. Sentirá que diante do poder de Roma, ainda formidavel pelo dominio universal das consciencias, um novo poder nasce, se organisa e se fortalece,—um poder mais calmo, mais forte, mais generoso, mais belo, incomparavelmente mais vasto e mais decisivo na sua acção, colosso cujos gestos de bronze pesam como montanhas e que se um dia cruza os braços para-lisa o mundo.

PRESOS POLITICOS.—*Continúa em Londres, pelo jornal e pelo «meeting», instigada pela duquesa de Bedford, a campanha de descrédito contra Portugal.*

Entretanto, parece que as prisões portuguezas não são peores do que aquella celebre prisão onde de offenda moral ingleza meteu o seu «divino» Oscar Wilde, —e não consta que nas cadeias de Lisboa se tivesse adotado ainda o uso do chicote.

EMIGRAÇÃO.—*A saída de emigrantes em Lisboa e em Leixões, tem sido consideravel.*

Durante o mez de fevereiro ultimo, foram concedidos —numeros exatos— em Lisboa 4421 e em Leixões 3668 passaportes a emigrantes portuguezes. Durante o ano de 1912 tinham sido dados, só em Leixões, 40.869 passaportes. O numero é aterrador e vae progressivamente aumentando. Impõe-se a adopção de medidas urgentes que atenuem esta violenta sangria d'ouro e de braços,—essencialmente favorecida pelo espirito de aventura e pelo fatalismo da raça. Creando dificuldades artificiaes á emigração? Não. Destituindo a industria dos agentes e dos engajadores que artificialmente a facilitam; prendendo mais o homem á terra,—e, sobre tudo, revelando e esclarecendo a situação do emigrante portuguez no Brazil. O Eldorado do trabalhador rural das Beiras, do Douro, de Traz-os-Montes,—não passa

d'uma imensa sepultura. As portas dos hospitaes de Manãos, portuguezes, prostrados de doença, esperam uma cama vaga para morrer; e as ultimas noticias chegadas do Pará dizem-nos que centenas de portuguezes, cheios de fome, percorrem as ruas pedindo trabalho, mesmo sem salario, em troca d'um bocado de pão.

ARTE.—*Columbano, com o retrato de madame B. de M., obtem um grande successo em Paris: os criticos francezes collocam o mestre portuguez acima do illustre Boldini, émulo de Besnard e de Sergent.*—*Novo pintor nosso, Francisco Smith, um outro, torna-se notado na exposição parisiense da «Obra livre»: o ministro das Belas Artes adquire um dos seus quadros.*

E precisamente quando os artistas portuguezes são exaltados e admirados no estrangeiro,—no Porto, um pintor portuguez de talento, José Campas, ao montar o seu cavelete no sitio da Ribeira para um estudo de ar-livre, é quasi agredido pela multidão, que o impede de pintar.

MENDICIDADE.—*Vae instituir-se na casa congreganista das irmãs de Cluny, em Bemfica, ou no convento de Santa Tereza, em Carnide, uma albergaria para os mendigos de Lisboa.*

A assistencia urbana precisa de fazer de Lisboa alguma coisa diferente da cidade de frades, de pobres e de cães que Beckford pintou.—D'antes, alugavam-se creanças para mendigar; agora, alugam-se tuberculosos, quasi moribundos, que que se arrastam pelas ruas, de barrete branco, amparados a homens e a mulheres que os exploram. A industria da mendicidade desacreditou a miseria. Como disse um grande espirito da França contemporanea,—*les mendicants volent les pauvres*.

TEATRO.—*Os scenografos portuguezes foram convidados a concorrer á exposição de scenografia e decoração teatral que, por iniciativa do inspetor de Belas Artes de Paris, se realisa agora no Palais Royal.*

A mais forte razão da crise geral do nosso teatro é a falta de *metier*. O portuguez supre pelo talento o que lhe falta em officio,—por que não têm, de ordinario, onde o aprender. Foi a escola de Manini que fez os poucos scenografos que nos restam. Não julgará o conselho d'arte e arqueologia necessaria e conveniente a instituição, na Escola de Belas Artes, do ensino da pintura scenografica e da decoração teatral?

JULIO DANTAS.

Historia da Princesa Sim e da Princesa Não

Num reino fabuloso e remoto — situado como todos os reinos fabulosos para as bandas distantes do Oriente — vivera breve existência conjugal de silencio e de beleza uma rainha linda e muda, que morrerá de dar á luz duas filhas gêmeas, graciosas como duas gotas de orvalho e como duas gotas de orvalho parecidas. Tamanhinhas, ambas muito loiras, mal sedistinguiam pela cor dos olhos que, n'uma, eram de um azul pallido de madrugada e, na outra, de um esmaecido azul vespertino: de modo que, se a primeira recordava a estrela d'alva, ao clarear, evocava a segunda, a estrela da tarde, quando anoitece.

Da mãe, cujos labios de granza apenas haviam perdido modular, depois de casada, a linguagem melodiosa do beijo — em tudo superior á linguagem traçoira das palavras — murmurava-se que e assim o haviam determinado — os deuses do himineu para que, votada d'alma e corpo ao amor, ella jámais viesse a profanar com alguma inflexão m en o doce ou exclamação mais destoante a harmonia voluptosa da sua curta vida nupcial.

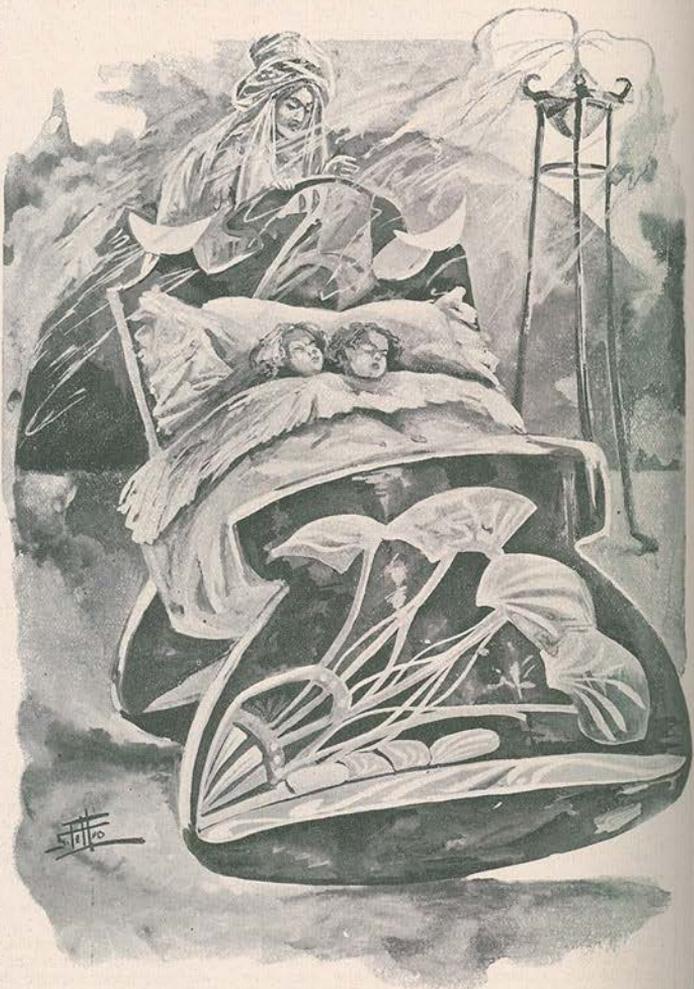
Para o seu cadaver encharcado de balsam raros e resinas olorosas: mandara o inconsolav esposo — condenado d'or á v ante á loquaciad nem sempre subtil d demais mulheres — construir um templo sumptuoso mas discreto, onde uma esteira profunda e xugava o rumor de tod os passos e dentro d qual, junto do tumul frio da «rainha sem son — como, empregando u qu a si intraduzivel c i cumloquio, o povo a d nominava — se perfilav: noite e dia um vigilan encarregado de, levando á boca o dedo indicador, compellir, sob pena de morte, os numerosos visitantes ao recolhimer.to mais cabal.

Emquanto a mãe, imovel em sua funebre arca de sandalo, aguardava, segundo a religião inexoravel d'aquelas paragens, o julgamento demorado dos derradeiros juizes, nos seus berços ricos dormitavam, cheias de innocencia e gracilidade, as duas princezinhas, cujo proprio choro não fazia ruido.

Verificou-se que da mãe — que só á data do casamento emudecera — haviam herdado a faculdade de ouvir, mas temia-se que, em vista da sina — julgada má — da defunta rainha, houvessem tambem mais tarde

de passar pela humilhação de não ter fala. Querendo evitar-lhes, desde cedo, a dor de se sentirem um dia inferiores á restante humanidade — ellas que uma legião de escravos servia submissa e afeioada — ordenou o pae que a sua criação decorresse n'um palacio especial e silente, sonegado de todo e qualquer barulho, onde nenhuma bulha se fizesse nem se acordasse o menor eco.

Como a capital do reino ficava ao pé do mar, para fugir ao inabafavel arquejo das ondas, foi a morada das princezinhas edificada, com u gencia, solidissimas paredes e um alto telhado incapaz de denunciar o clamor das bategas de chuva mais violentas, na mais despovoad e sáfara das comarcas, n'um adusto descampado solitario, onde não espadanavam torrentes, nem gorgolhavam ribeiros, nem lacrimavam fontes, nem ramalhavam bosques, nem zumbiam in-



sélos, nem roncavam fêras, nem baliavam rebanhos, e onde os seus poucos habitantes, reservados e soturnos, ignoravam o canto, e nem sequer por ouvir dizer conheciam o ribombo do trovão, o estalar do raio ou o estrondejar do tuão.

Tudo o que de mais custoso de obter e nunca visto existia no reino ou nas visinhanças se empregara a mãos largas na feitura e adorno do palácio das princezas, rodeado por uma dupla cinta de muralhas mais grossas que os mais gordos homens d'aquella terra. Na área vastíssima que occupava não bullia, porém, uma só arvore, para que a brisa, ao esmugar das folhas, não sibilasse, nem viesse, achando lá guarida, alguma ave sem ninho trazer ao vedado recinto, com a palpação branda de suas azas, as notas estridulas do seu trinado; não desabrochava uma unica flor, para evitar que as trêfegas abelhas ou as ageis borboletas fizessem vibrar, de mansinho que fosse, a sonoridade do ar; não escorria o mais esguio fio d'água, para que, teimando em correr umas atrás das outras, as gotas não ciciassem, mesmo em surdina.

Em volta dos dois berços das princezas, todos, sem mover os beiços, guardavam maior respeito do que na presença de dois sepulcros ou de dois altares, competindo a superintendencia da creadagem copiosa a uma aia de fartos seios e exemplar compostura, muito amiga do luxo e dos enfeites, mas que tivera, no entanto de guardar num cofre escondido as manilhas, os colares, as arcaçadas que d'antes usava e tanto estimava, para que as contas entrechocadas não desferissem tinido algum, para que nem sequer houvesse o perigo debilmente sonoro do roçar macio do oiro sobre a carne ou do baloiçar dos brinços sob os cabelos.

Havia ali a perfeição do silencio.

N'esse silencio perfeito, começavam uma manhã as duas princezinhas a engatinhar; n'outra manhã, já se atreveram a dar, pela mão de uma carinhosa, alguns passivos tímidos; e n'uma tarde desataram, finalmente, a andar por seu pé, extasiadas com todas as coisas que viam, ignorantes de tudo quanto não podiam escutar. Nos frequentes ocios da sua realza indiscutida, meditava o pae demoradamente sobre a sorte d'aquellas duas filhas, a qual muito o preocupava. Era certo que sua mãe fóra ou parecera ter sido feliz no amor. Não menos certo era, porém, que não nascera assim, e, antes de o amar, conhecera a felicidade de lh'o poder dizer.

Mas as filhas? Aguardal-as-ia tambem o destino da que falecera ao pôl-as no mundo? Ou teriam nascido para um perpetuo mutismo? O rei nem se atrevia a indagal-o.

Por muito que o monarca empreendesse no futuro das princezinhas, ainda mais constantes apreensões nutria a tal respeito a dedicada ama que, certificada por experiencias varias de que ás suas regias pupilas não fóra concedido o uso da fala, se foi em segredo avistar com o mais reputado mago das cercanias do palacio. Inquirido este, forçado a pezo de oiro, a extorquir um oraculo da divindade, accedera, depois de um complicado ritual, em comunicar á consultante que, devido a um inanalvel assento do livro dos fados tragicos, as duas princezas haviam nascido sentenciadas a nunca gozarem a fecunda tagarelice, tão do agrado das mulheres.

Não obstante, para remediar em minima proporção a triste calamidade, proufficava-se ele, caso lhe offerecesse uma nova túnica para o seu idolo, a conseguir dos deuses, á força de duras penitencias e dos mais arduos jejuns, que a cada uma d'aquellas infelizes fosse, ao menos, dado o proferir uma só palavra: uma, não mais, e essa mesma de poucas letras, pois que nem ele mesmo sabia se a tão grande prodigio logriariam forçar a infinita misericordia divina as preces a que sem repouso se ia entregar e ás mortificações cruéis durante as quaes não regatearia o seu sangue ás disciplinas. Importava, por conseguinte, escolher quanto antes qual essa palavra de milagre que, obtido que fivesse o favor do céo, iria ele em pessoa, paramentado com os emblemas supremos do sobrenatural poder, plantar ou fazer nascer nos labios mudos das princezinhas. Como bom devoto, desde já ele aconselhava a palavra Deus, que deve andar a toda a hora na boca dos crentes e que, por

se tratar de a louvar, a bondade celeste se não atrevera certamente a recusar.

Estarrecida com a revelação e ao mesmo tempo alegre com aquella minima promessa de diminuição do infortunio, a ama não se conteve que não fosse pessoalmente contar tudo ao rei que, ao vê-la inesperadamente surgir na sua frente, julgou, alvoroçado, que ela lhe viria anunciar o primeiro babcucio das princezas.

Quando, desiludido da previsão, soube do extremo a que o carinho levava a boa mulher, recompensou-a largamente e louvou-a muito, principiando então os dois a procurar a palavra breve e rapida que, na vida de um sêr monoverbal, mais falta faria ou mais serviços prestasse.

Deus, como o mago propuzera, constituia, no caso em questão, um vocabulo de luxo só para certas occasiões solenes. Em memoria da ultima palavra que a voluptuosa esposa pronunciara, alvitrava o rei este verbo tentador: Amo!, mas logo a aia, com o seu pratico bom-senso feminino, lh'o embargou dizendo que seria corrompel-o o empregá-lo torto e a direito. A ela affirava-se como a mais necessaria e prestante de todas as palavras a affirmação sim, que séla todas as relações humanas.

—Ora, se o sim é preciso—replicou a magestade—não menos precioso é o não.

—N'esse caso, real senhor—volveu a serva respeitosa—acho que deveis dar a uma de vossas filhas a palavra sim e á outra a palavra não.

—Iriamos com isso crear uma eterna contradição entre essas duas irmãs.

—E que somos nós as mulheres, p' d'eroso senhor, senão, em tudo, uma viva contradição de nós proprias? Mais mulheres, portanto, se tornarão as princezinhas, e nunca uma mulher será demasiadamente mulher por mais mulher que se mostre.

—Seja—acabou por concordar o suzerano—dae as vossas ordens!

E assim rapidamente se fez, ficando uma das princezas, desde que o mago lhe tocou os labios, a dizer sim a cada instante, enquanto a todos os momentos a outra dizia não.

Aconteceu, porém, que, ao impôr a cada uma essa unica palavra que representava toda a riqueza oral d'essas duas monosylabicas princezas, a aia não atantara bem, ou por serem ainda muito novas não as pudera reconhecer, nas profundas differenças de genio que se occultavam sob aqueles dois semblantes tão parecidos.

Em vista d'isso, áquella das princezas que era docil, jovial e enternecida coube-lhe em sorte o afugentante não, ao passo que a que teve na partilha o generoso sim, era aspera, bisonha e desapiedada. A medida que as duas iam crescendo, nada mais curioso de observar do que, no terreiro esc. l'vado do palacio, a princezinha dos olhos de madrugada correndo risinha a repetir o seu negativo estribilho como uma canção suave: não, não, não, não, não, e, amuada a um canto, a princeza dos olhos de tardinha, batendo o pé e resmungando n'uma litania birrenta o seu condescendente: sim, sim, sim.

Passaram anos. Milhares e milhares de vezes o sim amargo de uma e o afavel não da outra firizem, como rosas ou como espinhos, os labios das princezinhas gêmeas, até que chegaram á idade de casar e o pae annunciou que lhes ia dar marido.

Para a Princeza Sim, não tardaram em apparecer pretendentes abastados ou gloriosos. O simples enunciar do seu nome gentil de assentimento prometia venturas indiziveis e inequebrantavel paz. Todos á compita, disputavam avidos a posse d'essa esposa privilegiada que só sabia dizer sim.

Quanto á Princeza Não, simplesmente se apresentara, envergonhado e receioso, um unico concorrente á sua mão que, como desejava casar as duas filhas no mesmo dia, não teve o rei outro remedio senão aceitar.

Era um pastor humilde e roto, se bem que insinuante e moço, que, farto de curtir noitadas e mais tratos se decidira ao enlace, preferindo antes passar a vida ao lado de uma mulher que a tudo lhe dísse não, do que continuar exposto ás pancadas do amor e ás inclemencias do tempo.



Ajustadas as bodas, celebraram-se os esponsaes com toda a pompa. Logo, porém, no decorrer da cerimonia, todos, o rei, o príncipe preferido e os convidados, desagradavelmente surpreendidos com o sim desabrido e agreste da princeza dos olhos de crepusculo, se deixaram ganhar pela meiguice e pela graça da outra princeza dos olhos de alvorada, a cujo

não harmoniosissimo parecia entreabrir-se um novo paraizo. O desinteressado pastor foi incomparavelmente mais feliz do que o príncipe ambicioso, ficando mais uma vez demonstrado que as palavras, mesmo as mais doces e esperançosas, nada valem quando a doçura não aveluda os labios que as dizem...

MANOEL DE SOUSA PINTO.

A GREVE GERAL NA BELGICA

A greve geral na Belgica nasceu d'uma aspiração do proletariado: o sufragio universal. Os chefes socialistas impõem esta formula ao governo: um voto para cada homem.

E como ha uma grande relutancia em aceitar essa maneira que entregaria, dentro em pouco, formidaveis maiorias aos revolucionarios, eles decretam a greve geral pacifica que fará paralisar todos os capitães empregados na industria, chegando assim a fazer sentir o poderio do formidavel exercito dos trabalhadores.

O proprio chefe socialista, o veneravel Vandervels, não se pôde opôr ao desejo do seu partido. Trata-se d'uma esmagadora corrente que alastra e dará os seus resultados.

Os comicios succedem-se em Liege como em Mons, em Bruxelas como em Gand e as multidões passam com destino aos logares onde eles se realisam, fazendo soar o rumor dos seus passos, sem um grito, sem um clamor, deixando no seu rastro como a nota intensa do seu poderio.

Os seus desejos não se exprimem em berros, não saem n'um tumultuar imprecativo que vá incomodar o sono dos andares ricos ou perturbar a paz dos doentes; mostra-se nas taboletas e nos pendões que arvooram e onde se lê o que reclamam: o sufragio universal; um voto para cada homem.

E isto faz-se em paz, cruzando os braços. São essas as intenções dos «comités»; e esse o «mot d'ordre» das agremiações proletarias poderosissimas em

todos os centros de trabalho, em todos os ramos da atividade belga, nos portos como nas «gares», nos entrepostos como nas oficinas, na ancia d'uma larga e formal batalha dada pelo povo ao partido catolico, que vae sofrer um grandissimo choque.

A propaganda é feita lentamente, dia a dia, em comicios, em cortejos silenciosos,



Um trecho do cortejo pacifico dos grévistas, levando á frente as mulheres, e atravessando as ruas de Bruxelas em direção á Casa do Povo.—(Cliché Archives du Mitroir)

nos atelieres pelo convencimento, nas lojas e nos campos.

Assim espera o partido socialista realizar com segurança o seu embate, ganhar a formidavel luta que ha anos proclamou e agora se propõe a levar de vencida.



O desfile do cortejo composto por mais de 3000 operarios que se dirigiram para o comício de Mons afim de afirmarem n'uma manifestação pacifica a greve geral dos trabalhadores.—(Cliché Central Photos)



1. O sr. dr. Afonso Costa discursando n'uma das janelas da antiga sala do Conselho d'Estado.

A comemoração do 2.º aniversário da separação da Igreja do Estado

O aniversário da lei da separação da igreja do Estado foi festejado com grande importância com um cortejo em que se incorporaram milhares de pessoas pertencentes a muitas agremiações de Lisboa e da provincia. Os manifestante atravessaram as ruas da Paixa e foram até ao Terreiro do Paço, onde já havia uma grande quantidade de gente que ia saudar o governo e o seu presidente, autor da lei, como ministro da justiça do governo provisorio.

Entre palmas e vivas o sr. dr. Afonso Costa disse ao povo que a lei da separação, se pôde sofrer retoques, será para ficar sempre mais forte, visto ter que afrontar tremendos combates.

No Coliseu da rua da Palma a direção do Centro Magalhães Lima promoveu uma sessão solene, na qual compareceram os ministros da justiça, estrangeiros, colonias e interior, que representavam o governo n'essa cerimonia onde varios oradores fizeram a apologia larga da lei.

O sr. dr. Alexandre Braga pronunciou uma notavel oração, na qual demonstrou as vantagens moraes d'esse decreto evocando toda a luta mantida



2. O cortejo estacionado no Terreiro do Paço quando discursava o sr. dr. Afonso Costa.

durante anos não só pelos republicanos mas por muitos notáveis liberaes contra as congregações e contra as exhibições do culto.



solenisa essa data 20 de abril segundo aniversario da lei da Separação da Igreja do Estado.

Na provincia, com grande en-

A direção do Centro Magalhaes Lima que promoveu a sessão solene comemorativa do aniversario da Separação da Igreja do Estado, oradores que tomaram parte na cerimonia e os representantes do ministerio



Um trecho da assistencia, no Coliseu da rua da Palma, no aniversario da Separação da Igreja do Estado

O ultimo a falar foi o ministro da justiça, que mostrou a grandeza da manifestação ante o que é uma conquista moderna.

Tambem, no Centro Afonso Costa e n'outras agremiações de livre pensamento, se



tusiasmo realizaram-se tambem sessões comemorativas em muitas localidades, falando diversos oradores enaltecendo a lei e nas quaes se demonstrou como o espirito do povo se conjuga com o espirito da lei.

A presidencia da comemoração no Coliseu: os ministros das, colonias, do interior, da marinha e dos estrangeiros no primeiro plano

O pintor José Malhõa

Malhõa, o nosso grande mestre de pintura, faz hoje anos, e a *Ilustração Portuguesa*, que tanto se interessa pela nossa vida artística e pelos seus vultos de mais destaque, não podia deixar de aproveitar esta coincidência para prestar homenagem ao genial artista, eminentemente portuguez de alma e de coração. Da sua vasta obra destacamos algumas das



«Erovoando»



O ilustre pintor sr. José Malhõa

produções mais recentes, onde não sabemos que admirar mais, se o vigor do desenho, se a verdade flagrante das côres, se a justeza inexcédível da observação, se o sentimento de que todos os trabalhos do grande mestre estão repassados, deixando-nos assombrados a vida que n'cles reflue e palpita.

Chegamos a ter a ilusão da realidade. Aquelas figuras típicas, colhidas em plena vida aldeã, movem-se, falam a sua linguagem rude, gesticulam livremente; aquelas procissões deslocam-se com pausada solenidade, julgando que ouvimos o bater seco e cadenciado dos tamancos e dos sapatos ferados nos seixos da rua e o zóndilar do foguete que esfusía por esses ares fóra, seguido pelo olhar triunfante de quem o deitou e

O aniversario do grande mestre

acompanhado das exclamações estarrucadas das gentes.

E que encantos n'essas cenas pitorescas surpreendidas á hora da sesta em plena campina, ou nas feiras á hora do grande negocio; que admiravel cunho de verdade n'essas creancinhas desgarradas pelos campos, descalças, rotinhas, mas cheias de saúde e re-



O irmão do mestre sr. Joaquim Malhõa, quadro por acabar.



«Dia de mercado»

522

chunchudas, ou encarrapitadas sobre muros, atraídas pela curiosidade ou pela tentação de apanhar uma flôr, um fruto.



•Rapariga do campo•

Desde o idílio mais singelo ao mais torvo aspêto do vicio, não ha pincel como o de Malhõa para apanhar no complexo remoinho da vida e dos costumes nacionaes o que n'ele ha de mais impressionante e de mais tipico.

Poucos pintores, incluindo mesmo os estrangeiros, terãõ tido em vida a consagração do seu grande talento e da sua vasta obra, como Malhõa.



•A sêsta•

Os seus quadros disputam-se; disputa-se o mais insignificante esboço preliminar para esses quadros.

Onde ele põe o lapis ou o pincel, por mais rapida ou distraidamente quo o faça, fica um traço, uma pincelada que atesta a sua inconfundivel individualidade artistica.



•Espreitando•



•Rapaz do campo•

Malhõa é, incontestavelmente, na sua arte, um mestre entre os mestres e uma glória do seu paiz, e por isso hoje lhe depõmos aqui esta rendida e sincera homenagem.



Estudantes do Porto

Parece datar de hontem a sua fundação e já dois anos de vida acaba de solenisar, com festa rija, o orfeon cantou, ali acima—no teatro Aguia d'Ouro. Parece um sonho!...

Ainda me lembro do ar de duvida que no rosto do rapazio escolar se desenhou, com um acrescimo de sorriso zombeteiro, quando um pequeno grupo de estudantes lhe deu conhecimento, em ligeiros comicios improvisados no atrio das escolas, dos preparativos para a fundação d'uma associação tendente a agrupar, acamaradando-os inteligentemente, os alunos de todos os estabelecimentos officias. Teriam eles uma casa propria onde pudessem, não só divertir-se, mas ainda mais—educar-se e fazer da Associação como que uma trincheira, com facilidades de poder transformar-a em tribuna, caso fosse preciso, para a defesa dos seus legitimos interesses.

Alguns riram-se, é certo, da *ingenuidade*, mas esses mesmos bem depressa cederam, quando viram a bela idéa, que era defendida por rapazes de merecimento, á frente dos quaes estava o dr. Pedro de Alcantara—creatura de rara tenacidade e arrojado, a verdadeira alma da iniciativa, hoje triunfante, e a quem tudo se deve!—tornar-se formosa realidade e impôr-se vantajosamente n'este meio velhaco e pobre, adverso a novidades. A desconfiança justificava-se, em parte. Todas as tentativas no genero haviam fraccassado já, inclusive as desopilantes sociedadesinhas de *tunos*, e o auspicioso *Club do A B C* que Jaime Cortezão, Augusto Mar-

tins, Virgilio Ferreira, Leonardo Coimbra e outros haviam fundado em principios de 1908 e em cuja séde, n'um modestissimo terceiro andar da rua da Fabrica—tão modesto quanto era arrojado o sonho de todos nós!—, belas coisas se disseram e romanticos projectos de remodelação de sociedades e filosofias varias se planearam, n'esse desvario febril e sempre interessante do rebentar da juventude e do desconhecimento da luta pela vida ingrata e tristemente *pratica*.

E, d'aí, apóz o rapido rememorar d'estes factos, supôr-se o fracasso da nova tentativa, ou que, a vingar, realisando-se, não prometteria senão uma curta, efemera duração. Isso, porém, não succedeu, felizmente para todos, e particularmente para aqueles que, como nós, comquanto tempos depois lançassemos os livros ás ortigas, entrando no *struggle for life*, lhe deram desde o seu inicio o apoio franco, todo o entusiasmo dos vinte anos e a alegria doirada e rutila dos que supõem conquistar o mundo com meia duzia de frases,quentes, esboçando maravilhas edenicicas e entresonhando pompas olimpicas em dois discursos lantejoulados pela eterna flamma retorica de colegias imberbes, onde transparece, não obstante, o desejo dos triunfos rapidos

e seguros.

Do que não resta duvida, comtudo, é de que a 5 de abril de 1911, n'um claro dia de sol como o de hoje, prodigo em bizarrrias naturaes que pareciam casar-se ás alegrias expansivas dos seus quatracentos associados, tñhamos instalado e inaugurada, n'um espléndido pa-



Associação de estudantes do Porto—Fachada do edificio.



A sala dos bilharrs na Associação dos estudantes portuenses.



A tesouraria da Associação. A' mesa o tesoureiro, sr. dr. Pedro d'Alcantara.

laceté da Praça de Carlos Alberto, a Associação dos Estudantes.

Do espanto causado na turba académica pela opulência, pelo aparato interior do prédio, por sinal bem arejado e luxuoso, abrindo as suas janelas sobre o jardim, fronteiro, e onde uns tinham salas de leitura e conferencias, biblioteca e *fumoir*, e aos outros não faltava a sala de bilhares, solicitada por muitos, e o indispensável bufete,—do espanto, digo, vindo das primeiras impressões, que o conte quem n'esse dia lá entrou.

Foi visto logo o que ha muito se não notava, mau grado as escaramuças da politica desavindora e as rixas tradicionaes entre o rapazio escolar,—a chamada «confraternização académica». Creaturas até aí afastadas, e das quaes mal havia a posição de estarem matriculadas em certa escola, vimol-as apparecer, trazidas ali pela maré do interesse, partilhando ou espargindo torrentes claras de expansivas alegrias.

Nos riluculos d'essa manhã festiva de solidariedade —a data da fundação!—que já hoje começa a doirar-se de eslumbrentemente e a tomar proporções de meiodia de sol, alacre e desenvolto, todos nós, que sempre esbanjamos com prodigalidades de Jan-soulet os tesoiros espirituaes da juventude, vislumbramos o aflorar das nobres expansões entre as desprocuradas gentes das escolas do tempo.

O simples conhecimento de colegas cedeu o passo á íntima e bela fraternidade de camaradas que para o mesmo fim caminham, de amigos que procuram cada vez mais compreender-se, enflorando quimeras e dourando ideaes.

Ainda está na memoria de todos o cortejo funebre, em que toda a Academia tomou parte, do falecido académico Francisco Pinheiro, que um colega seu—e suposto conspirador—por questões politicas eliminára da vida.

Só este facto daria para muitas laudas, bem interessantes



Sr. dr. Pedro d'Alcantara, fundador da Associação dos Estudantes.

por sinal, se o espaço o permitisse.

A historia do seu primeiro ano de existencia, porém, um dia virá a lume, detalhada e precisa, e vê-se-ha então a influencia que teve, desde o principio, nas massas académicas e cá na parvonia.

A Associação, após o ato solene do 2.º anniversario da sua fundação, aí fica. A festa teve beleza e alegria, e despertou a atenção das patatas gentes, o que não é pouco.

Urge que, com muito amor e sempre com tenacidade, a Academia se interesse seriamente por ella—pois que, no fim de contas, é a sua Associação.

Dois anos são idos... E hoje que, por mal de meus pecados, talvez, d'ela estou arredado, sinto uma infinita alegria, através da ligeira bruma de saudade que me envolve, em poder recordar essa vida despreocupada e risotha, e falar com merecido louvor d'essa agremiação para mim inesquecível.

E' que, apezar de tudo, emaranhados mesmo no turbilhão da chamada vida *pratica*, nós não podemos esquecer facilmente o aneio bom dos vinteanos, nem arremessar á penumbra uma bela realização, iniciativa fecunda para cujo triunfo esplendido e sedutor, logo na sua madrugada, contribuímos com uma quofa parte.

De longe, ao luar macio da saudade, relembra-se melhor o paiz natal e a mocidade garbada e feliz que não volta para as nossas ilusões —ao contrario da primavera que regressa para a alegria das flores—, e que rapidamente se crepuscularisa, se a tempo a não soubermos viver trabalhando e amando...

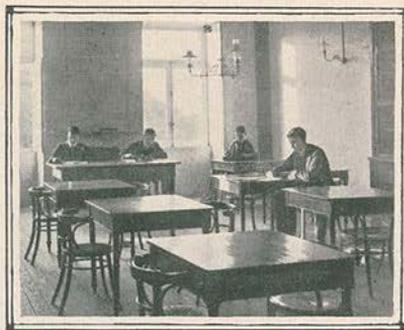
Tudo passa e tudo cança,—diz-se. No entanto, da nossa geração irreverente e audaz, estouvada e idealizada, saídamos por encanto, de fadas, d'uma floresta deletéria de enganos e da apatia desanimadora que parecia assoberbar tudo e todos nos ultimos anos, alguma coisa se esquece afirmando-se e esplendendo... alguma coisa fica de pé! —a Associação!

Que isso nos alegre.

VAZ PASSOS.



Na biblioteca da Associação.



A sala João de Deus na Associação.

(Clichés do sr. Alvaro Martins)

Figuras e Factos



A sr.^a D. Luthgarda de Cairés, uma das nossas escritoras mais distintas, é autora de «A Dança do Destino», novo volume da coleção Antonio Maria Pereira, que acaba de aparecer, com o sub-título de «Contos e narrativas», e no qual a ilustre escritora afirma mais uma vez as suas brilhantes qualidades de espirito.

«Ciencia de Colonisação» é um trabalho valiosissimo, em dois volumes, em que o sr. Lourenço Caiola, um dos nossos mais illustros officiaes do exercito e douto professor da Escola Colonial, trata do complexo problema da nossa vida ultramarina sobre bases solidas e com notavel criterio.

Angelo de Azevedo Ferreira é uma criança de 12 anos, mas ja um taquígrafo notavel e com curso comercial. Foi premiado o ano passado com a medalha de ouro na exposição estenografica Internacional de Madrid. Reproduz o mais vertiginoso discurso com uma presteza que causa pasmo a todos os profissionais. Também irá ao concurso estenografico internacional que se realisa em breve e ao qual concorrem os primeiros estenografos da Europa. E' de justiça dizer que o professor de Angelo Ferreira tem sido o sr. Manuel Joaquim da Costa.



O ZÉ PEREIRA—O «Zé Pereira» é a denominação pitoresca d'um grupo musical mais pitoresco ainda, do nosso Minho, tendo por unicos instrumentos o bumbo e o tambor, onde o pulso minhoto não bate menos rijo do que no milho das eiras. E' ele que anda a anunciar pelas aldeias com antecedencia as festas que se vão realizar, causando verdadeiro assombro. E não serve apenas de reclamo estrondoso ás festas, também se guinda n'elas á altura de concertista. Este «Zé Pereira» está justamente dando um concerto de «musica classica» em frente da casa Lealdade, na Rua Direita, de Fão. Algumas emprezas de espetaculos das grandes cidades tem procurado transplantar o «Zé Pereira» para o seu reclamo, mas não o têm conseguido. Não é coisa que se acilme assim. Tiral-o do seu Minho, com o encanto das suas serranias, dos seus costumes e das suas tradições, é tirar-lhes a graça, é daar cabo d'ele.



Sr. Dr. Antonio Vieira de Andrade, distinto advogado em Guimarães, falecido nesta cidade.
 Sr. Antonio Eduardo Figueira Rego, importante comerciante, falecido recentemente.
 A sr.^a D. Maria Adelaide Guedes, avó do sr. Luiz De-ruet, administrador da Imprensa Nacional, falecida em Abrantes.
 Sr. José da Costa Segura, conhecido industrial, falecido em Lisboa.
 Sr. João Henriques de Campos, professor oficial da escola de Espinho, recentemente falecido.

Interesses de Salvaterra de Magos—
 A vila de Salvaterra, onde o *Seculo* construiu um belo edificio escolar para os dois sexos, merece tambem á *Ilustração Portuguesa* o registar nas suas paginas o que de mais importante interesse aos seus progressos.

O hospital, ha poucos dias ali inaugurado, é sem contestação a obra benemerita de um dos seus proprietarios mais importantes e ilustrados, o sr.



Sr. Gaspar da Costa Ramalho.

Gaspar da Costa Ramalho, que fez da sua terra um objeto de cuidados constantes, orientando com inteligencia todos os empreendimentos que visem o bem comum, pondo ao serviço da sua realisação os seus melhores esforços e os seus proprios recursos pecuniarios com uma generosidade só comparavel á obscuridade, em que se obstina esquivar-se ás homenagens da gratidão d'aquella boa gente.



A visita do sr. ministro da guerra ao distrito da Guarda: Durante o jantar oferecido pelo governador civil, sr. João Soares, e a que assistiram os srs. reitor do liceu, dr. José d'Almeida, juiz auditor e delegado do ministério publico, comandante do grupo de metralhadoras 2, presidente da Camara, s. José de Lemos, conservador do registo civil, sr. dr. Afonso Gouveia Lemos, secretario geral sr. dr. Cautela, administrador do concelho, sr. Ghira Dine, sr. José Augusto de Castro e Anuglio de Lemos.—(Cliché Aires)

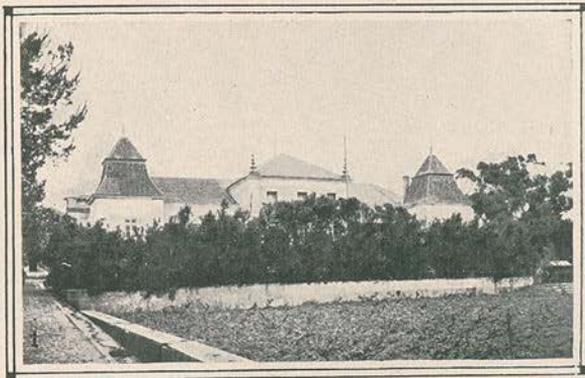
= O TELEGRAFO SUBMARINO =

A The Eastern Telegraph Company quasi envolve o mundo com os seus cabos sob o misterio dos oceanos. De Marrocos ao Cabo possui as costas d'Africa, envolve o Brazil, a Argentina até ao Peru, a India é dominada, a Asia e parte da Oceania comunicam pelas suas linhas. E' um conto de fadas aquele trabalho. O galope do pensamento, o cavalo aereo de que todas as narrativas da juventude nos falam não é nada com o positivo do cabo sub-

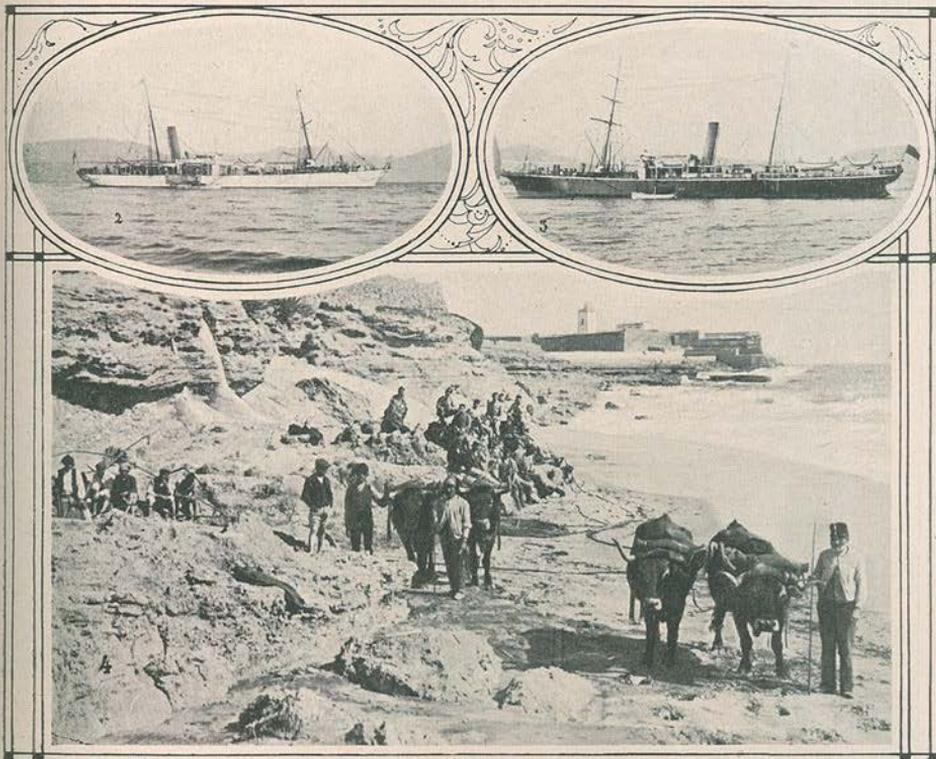
marino, a linha das surpresas, que nos faz saber n'um espaço breve as revoluções da Russia, os combates do Japão, os ciclos da America, as fomes da India, as

miserias, as grandezas, os crimes, as virtudes do mundo pelo simples movimento de uns aparelhos d'um extremo ao outro do universo.

Por isso, ali, n'aquella sala larga da estação do telegrafo submarino, na quinta Nova de Carcavelos, diante dos rapazes que estavam atentos aos



1. O palacio de Carcavelos onde estão instalados as secretarias, Club. direção e sala de festas do telegrafo submarino.



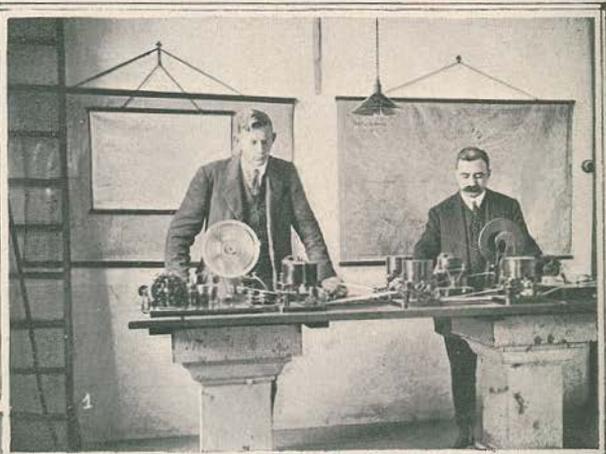
2. Vapor da companhia Eastern Telegraph «Amber».—3. O «Mirror» da Eastern Telegraph.—(Clichés do sr. C. Bryant)—4 Na praia de Carcavelos: Soldados e trabalhadores ajudando no lançamento de um cabo submarino.

seus aparelhos, nós dizíamos com uma vaga inveja ao che' e que nos acompanhava:

Os senhores d'aquí dominam o mundo; teem-no n'aqueles aparelhos, palpita n'essas fitas longas como tenias, onde veem raia-dos os sinais telegraficos que falam dos milionarios como dos dinamitistas, do papa como do negus.

O inglez sorriu e, para nos mostrar bem como isso era assim, amavel, delicado, poz-se em comunicação com o Faial a pedir a transmissão do abecedario. Durou aquilo um curto espaço de tempo, minutos

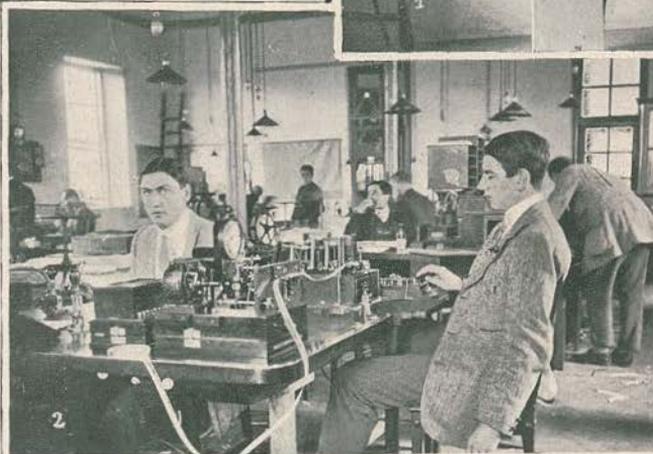
do abecedario, uma quadra d'um poeta e d'um boémio portuguez que, naturalmente, lhe evocava mocidade, vida, alegria.



A recção d'um telegrama.

Foge lua envergonhada
Retira-te lá do ceu
Que o olhar da minha amada
Tem mais brilho do que o teu.

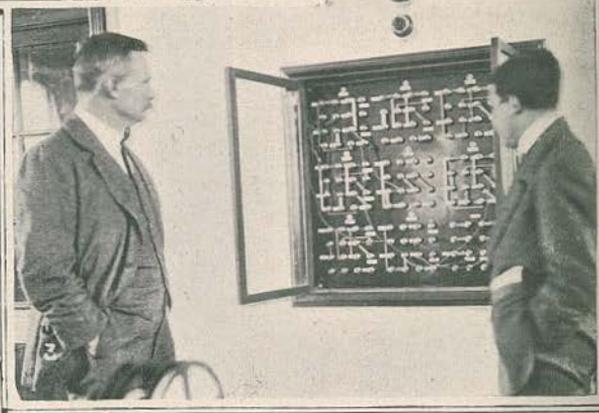
Nos quatro mil telegramas que passam diariamente por aquela estação talvez nunca mais impressivas palavras tivessem corrido como esta quadra mimosa do



Um dos aparelhos telegraficos em serviço.

rapidos. A fita começou correndo do aparelho e nos olhos azues do empregado passou um relampago alegre que, decerto, não era vindo do abecedario.

Então que sucedera?! Que colossal empreza surgira, que novo poderio se marcava no mundo que agradasse áquele louro telegrafista tão amavel e agora tão sorridente? Ele traduziu. O seu colega do Faial enviava-lhe, em vez



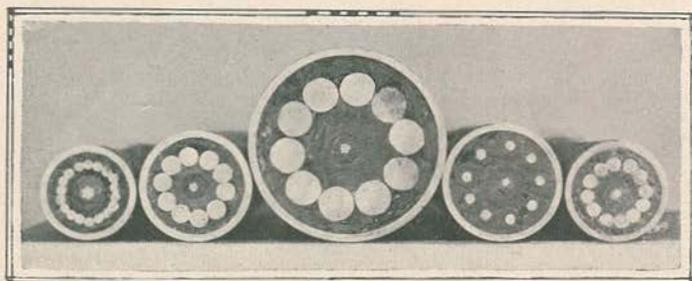
Um dos quadros de ligação do cabo submarino



Grupo do pessoal da estação do Cabo Submarino de Carcavelos. O pessoal superior está sentado na primeira fila, tendo ao meio o sr. G. Gardner, superintendente interino.
(Cliché do sr. C. Bryant)

Hilario, que fizera sorrir o inglez. Tinhamos visto tudo, desde a emalhada rede do quarto das experiencias, onde todas as semanas se verifica o bom estado dos cabos na casa especialmente construida contra o fogo, até

to se transmite pelos outros aparelhos e sabiamos tambem que o pessoal conforme a applicação, ganha o avanço e d'ahi a meticulosidade do serviço. O que nos parecera do começo uma coisa complicada aparecia-nos com toda a simplicidade, espantando-nos ainda mais. Um simples desarranjo no cabo é logo registado nos aparelhos da casa das experiencias, d'onde se pôde conseguir saber o sitio determinado da avaria e d'este modo os vapores especialmente



Interior dos cabos submarinos: condutor ao centro.

empregados n'este serviço, a bordo dos quaes vão os engenheiros e os praticos, podem fazer rapidamente os concertos sem

á sala central da estação por onde passa silencioso nos fios o turbilhão do mundo como n'um paradoxo. Desde o cubiculo da praia, onde os cabos se ligam do mar com os aparelhos nas suas grossuras tanto menores quanto maior é a profundidade, até a essas maquinas que estavam em contacto com o universo conforme nos iam dizendo: Inglaterra, Gibraltar, S. Vicente, S. Miguel, Vigo, Açores, America do Norte, emfim, o orbe que ligava até a Carcavelos. Sabiamos já que não ha maneira de passar uma palavra por outra, porque um aparelho chamado o «contrôle» vae marcando constantemente tudo quan-

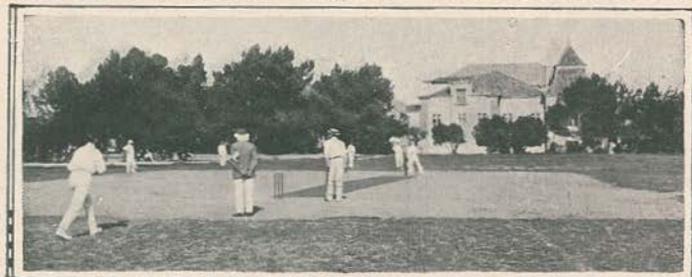
empregados n'este serviço, a bordo dos quaes vão os engenheiros e os praticos, podem fazer rapidamente os concertos sem



O pequeno jardim sob as janelas da direcção e cujos ornamentos de verdura formam as divisões da bandei-a ingleza.

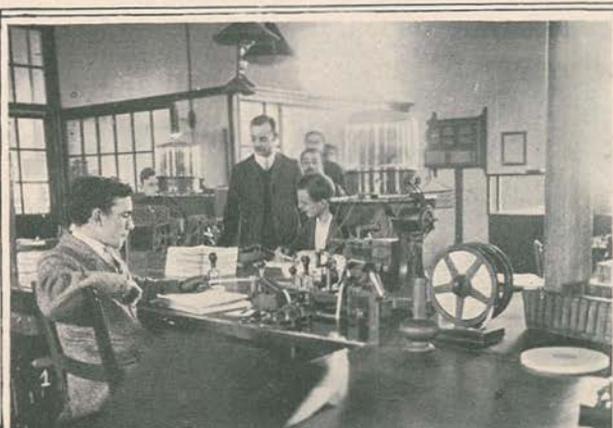
que o mundo deixe por um longo espaço de tempo de comunicar entre si.

Quatro mil telegramas diarios que passam em Carcavelos deixam um quasi fabuloso rendimento, que permite os largos gastos d'essa companhia que dá aos seus directores honorarios de lords do almirantado e aos pequenos que começam o bastante para poderem



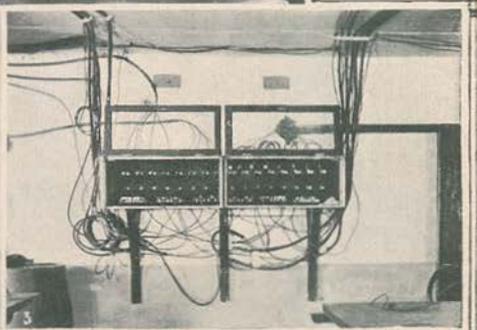
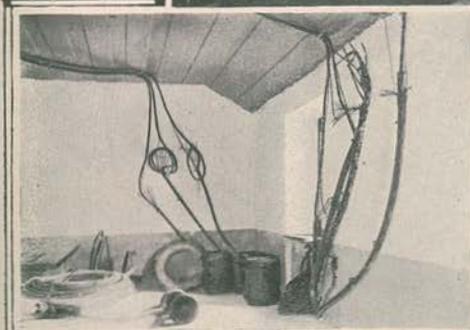
Campo de jogo, na Quinta Nova, destinado ao pessoal do cabo submarino.

viversobre si. Assim, aquele telegrama, romântico e patusco a um tempo, vindo do Faial por uma experiência, transmitido pelo empregado sonhador, custaria, sem agenti-



é como um centro universal.

Primeiro do que toda a gente em Portugal o telegrafista, para o qual o sigilo é tanto uma função como o próprio trabalho, sabe o que



leza da companhia, cento e dez réis por palavra.

Transmitir semelhante telegrama só um milionário por estravagância ou um reporter, como os de Julio Verne, simplesmente para ganhar tempo, o poderia fazer.

Da casa da praia, onde os cabos são ligados, até á secretaria de cu-

jas janelas se avista o mar que cobre com esses fios tantos segredos, tudo aquilo tem a ordem, a grandeza, o cunho calmo que é bem dos britânicos.

Não se dirá, diante d'aqule panorama, que esse sitio quasi isolado

se move pelo mundo, as grandes catástrofes e as altas variações da politica, os atentados e as maravilhas.

Mas guarda-se bem de o dizer como um padre que esculpa uma confissão ou como um medico que descobre n'um corpo um tremendo segredo, até á

hora em que oficialmente lhe mandam transmitir o telegrama.

E, assim, por toda a parte onde os fios da companhia passam sob as aguas movendo os seus misterios..

1. Na sala de transmissão e recção de telegramas—2. A casa da praia onde o cabo tem a sua ligação directa com a linha submarina—3. O quadro da casa do cabo submarino na praia—4. Um trecho da grande sala do telegrafo. (Clichés Benoitel).

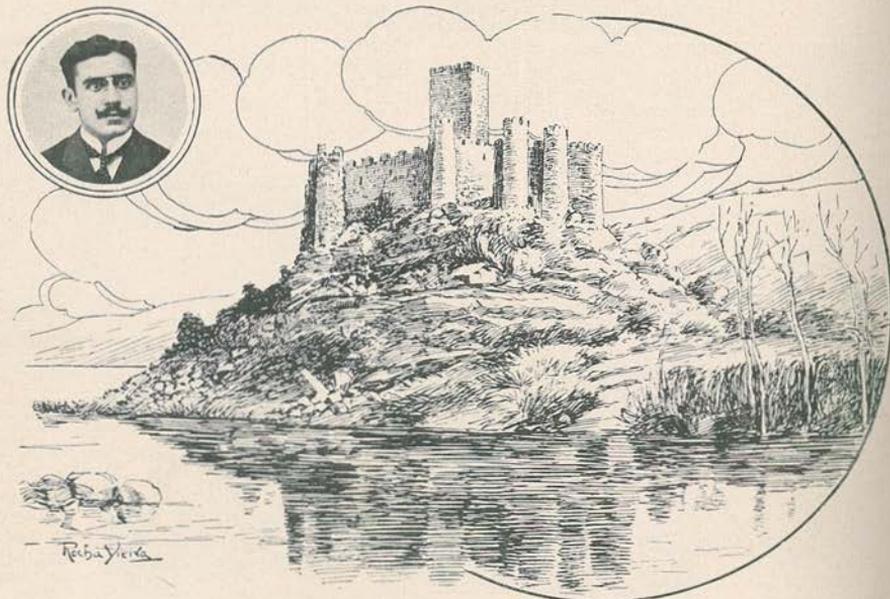
A LENDA D'ALMOUROL

E a moça das falas de ouro
apaixonou-se, perdeu-se
por um cavaleiro loiro,
lusitano e nobre. Deu-se
a moça das falas de ouro!
— Apaixonou-se, perdeu-se...

Governava em tempo antigo,
O castelo de Almourol
um moiro nobre— inimigo—
orgulhoso como o sol:
isto foi em tempo antigo,
no castelo de Almourol.

Ao cavaleiro cristão,
à noite, as portas abriu:
logo entraram, por traição,
outros que ele conduziu.
Ao cavaleiro cristão,
à noite as portas abriu.

Sôam lugubres toadas
no castelo de Almourol,
desde Trindades tocadas
até que surge o arrebol!
São as vozes desgarradas
da guarnição de Almourol.



O sr. Sales Lima, autor do livro *Sonatinas*, de que foi extraída a poesia *A Lenda d'Almourol*.

Tinha esse Moiro uma filha
que adorava com transporte.
Semelhante á mansenilha,
serviu p'ra lhe dar a morte
a loucura d'essa filha
que ele amava com transporte.

E, vencidos da tristeza
de nem pelear ao menos,
lançaram-se, de surpresa,
ás aguas, os sarracenos,
vencidos d'essa tristeza,
de nem pelear ao menos.

E—por fados misteriosos
em noites de luas-cheias
andam vultos silenciosos
a passear nas ameias.
São fadarios misteriosos
em noites de luas-cheias...

Hoje o castelo arruinado
mostra um aspêto sombrio:
o Tejo passa-lhe ao lado,
e a sombra bate no rio.
Hoje o castelo arruinado
mostra um aspêto sombrio.

UMA COLONIA ESCOLAR EM LOURENÇO MARQUES EM FERIAS NO TRANSWAAL

No seu ultimo numero a «Ilustração Portuguesa» publicou um artigo do sr. Adelino d'Abrunhosa sobre a cidade transvaaliana de Mildeburgo no qual, depois de descrever todas as belezas que a enchem, falava d'uma colonia escolar portuguesa que ali estivera durante algum tempo.

Era director d'essa colonia escolar o distinto professor de Lourenço Marques, sr. Solipa Norte, que com sua esposa, tambem professora de merecimento, muito tem contribuido para dar á instrucção primaria na provincia portuguesa uma norma bem educativamente moderna.

A idéa dos escolares portugueses passarem parte das ferias no Transwaal foi iniciada pelo então governador de Lourenço Marques, sr. Freire d'An-



cento e quarenta e tres creanças n'esse primeiro ano; no corrente mais de trezentas, e algumas gravemente impaludadas, seguiram para Mildeburgo, ficando umas cincoenta em Machadorps em vista da difficuldade d'instalação n'aquelle ponto.

Começaram desde logo as festas iniciadas pela municipalidade, que ofereceu vinte libras para as creanças, tendo-se organizado tambem concertos e representações teatraes pelos pequenitos, a que assistiram o mayor da cidade e sua esposa.

As installações da colonia eram de tal maneira que só mereceram louvores e elogios, dos quaes participou o director d'esse grupo infantil, que foi procurar em Mildeburgo um



1. Os professores Solipa Norte e sua esposa, directores da colonia escolar a férias em Mildeburgo (Transwaal). 2. Sr. dr. Jaime Ribeiro, presidente da comissão de beneficencia de Moçambique, que organisou o passeio da colonia escolar ao Transwaal.—3. As creanças no intervalo das festas desportivas indo tomar nm refresco na barraca.

drade, que, vendo os males do clima durante uns mezes do ano, delibrou enviar os pequenitos para a vizinha cidade de transvaaliana o que se começou a fazer em 1910.

Foram



4. Uma cena da peça *A Boneca faz o G*, representada em Mildeburgo por ocasião do concerto dado n'esta cidade pelos alunos da escola 31 de Janeiro. (Cliché do sr. Adelino d'Abrunhosa).

pouco de repouso para as fadigas dos estudos, findo o qual se divertiu, regressando magnificamente disposto para os trabalhos do ano escolar.



Vida Colonial



Não primam pela sumptuosidade ou conforto os edificios em que se encontram instalados os serviços publicos, no interior das nossas possessões africanas. As cidades ou vilas do litoral estão, a tal respeito, melhor dotadas, mas basta que os funcionarios encetem a sua marcha—por vezes, doloroso calvario—em direção aos pontos longinquos em que vão exercer as suas funções, para que o espectáculo que se lhes vai deparando, em materia de edificios publicos, desole o seu habito de comodidades, creado nas cidades da metropole. Muitas vezes, o abrigo unico de todos os serviços e respetivos funcionarios é uma tosca cubata, de paredes feitas de pau a pique ou



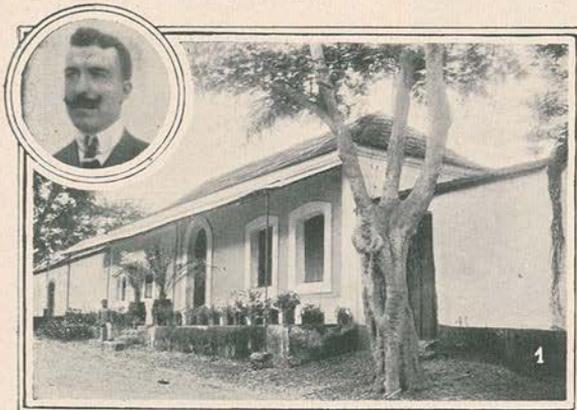
A Camara Municipal do Dondo; no medalhão o presidente da comissão administrativa sr. Francisco Marques da Naia.

quasi sempre colocadas em edificios não construidos pelo Estado mas sim por este adquiridos por compra e aumentados ou adaptados para a sua nova serventia.

Um edificio no qual, como se compreende, se põe, em toda a parte, especial atenção e carinho, é o das camaras municipais: é o palacio do Povo, o baluarte das regalias populares, o berço da autonomia regional, e o povo, que labuta e sofre, conscio da sua força e do seu valor, não hesita em dar de boa vontade uma parte do produto do seu insano trabalho para que o seu «domus municipalis» tenha, o mais possivel, o «facies» soberano e faustoso que seja condigna representação da instituição que abriga no seu interior.

E' o que se dá em Loanda, cujo edificio municipal é um verdadeiro palacio, e, em proporções mais modestas, no Dondo, onde a casa da camara mais se destaca entre os outros edificios.

B. V.



A delegação de saúde do Dondo, vendo-se no medalhão o sr. dr. B. A. Velho, tenente medico.

caniços enraçados e de teto de capim; é o que acontece nos primeiros tempos de qualquer ocupação de territorios, emquanto não se cavam os alicerces d'uma habitação mais solida para a qual ainda é necessario fabricar paralelepípedos de barro amassado «adobes», aparelhar o travejamento tirado á floresta proxima e requisitar o zinco enclafado que em regra tem de vir, com uma desesperadora lentidão, de centenas de kilometros. A' medida que estes nucleos de povoação europeia vão creando antiguidade, o numero de habitações vae aumentando, mercê da affluencia do commercio.

Algumas povoações do interior, porém, ha em que o visitante tem a ilusão de se encontrar n'uma pacata vila provinciana da metropole, visto defrontar-se com edificios de regulares dimensões e de bom pé-direito, com todo o aspéto europeu.

Aqui as repartições publicas estão



A administração do concelho do Dondo. No medalhão o sr. Henrique de P. M. Soeiro. (Clichés do amator sr. João G. Figueira)

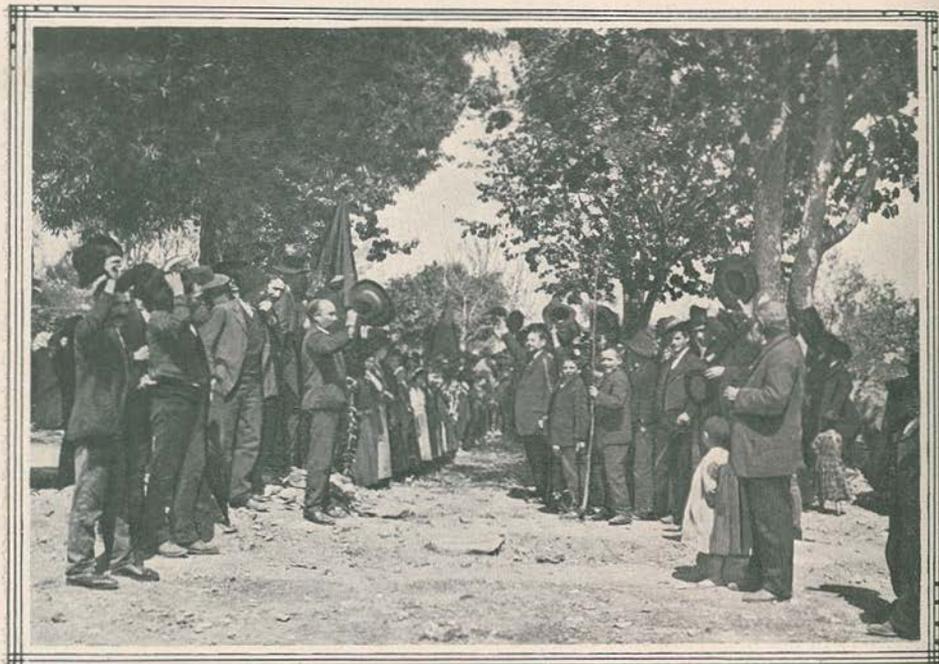
Continua a festa da arvore



Em Genveia: Um dos aspectos da festa da arvore que revestiu enorme brilhantismo. O bodo ás creanças das escolas no jardim de S. LAZARO, em frente do qual foram plantadas as arvores, depois d'um luzido cortejo e sessão solene no teatro Herminio. (Cliché do distinto fotografo amador sr. Manuel Lopes da Silva Graça.)



Um aspecto da festa da arvore em Vizeu que constituiu uma imponente cerimonia. (Cliché do distinto amador sr. Batalha)



Em Froyença a Nova: Na festa da arvore a saudação feita á patria diante das creanças depois da cerimonia, pelo professor sr. Barreto.—(Cliché do sr. Alfredo L. Tavares)



A cerimonia da plantação da arvore pelos pequenitos.
(Cliché do sr. Alfredo L. Tavares)



Em Montemor-o-Novo: A festa da arvore. O cortejo depois da plantação atravessando a rua 5 d'Outubro.

A festa da arvore em Montemor o Novo foi d'um desusado brilho tendo os alunos das escolas da vila passado n'um cortejo festivo em direção ao lugar onde se fez a plantação. A parte

mais pitoresca da cerimonia foi no castelo historico que domina a povoação onde as creanças estiveram descendo depois pelas faldas do monte, onde ele se ergue, n'um vistoso e alegre desfile.



1. Na escola oficial Conde de Ferreira, durante o «lunch» das creanças.—2. O cortejo das creanças descendo do castelo um dos sitios mais pitorescos da povoação d'onde se abrange com a vista muitas leguas em redondo.

Uma pianista portugueza



O illustre professor Taichmuller.



O illustre professor Rei Colaço.

A sr.^a D. Adelina Rosenstok, cuja reaparição como concertista, no teatro da Republica, foi um grande successo, é uma eximia pianista, uma das melhores alunas de Rei Colaço e foi laureada no nosso Conservatorio. Por concurso realizado em 1904, destacando-se entre dez candidatos, foi nomeada professora d'aquelle estabelecimento, onde fôra notavel discipula. Começaram então os seus triunfos artisticos

diante do publico, nos concertos que deu em Lisboa e no Porto, com grandes aplausos e com uma critica cheia de elogios para os seus singulares dotes.

Partiu para a Alemanha e o illustre professor Taichmuller considerou-a como uma excelente concertista, indicando-lhe peças de musica importantes para o seu repertorio.

Muito aproveitou com o aturado e consciencioso estudo, com a vida intensa de arte que levou n'esse paiz, onde a musica é como uma religião.

Carecia d'esse convívio



D. Adelina Rosenstok.

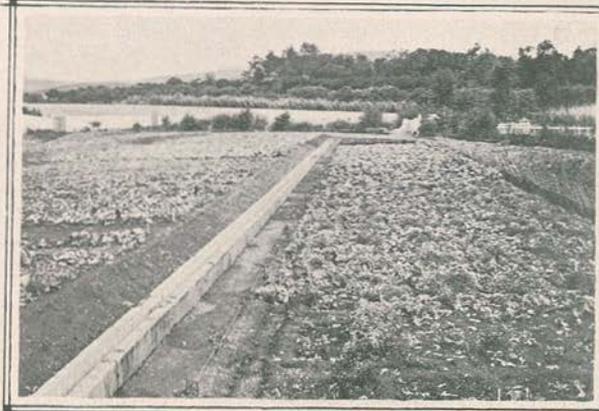
espiritual e dos incitamentos que recebeu para completar a educação musical que em Lisboa a fizera notar entre as suas condiscipulas e receber os louvores dos mestres.

Fez esse trabalho, dedicou-se, encheu-se de boa vontade e dia a dia mais se apropriou da tecnica do piano com uma segurança admiravel.

Com semelhante carreira, engalanada de triunfos, a distinta pianista tem um futuro dos mais belos diante de si, toda entregue á sua arte amada em que já tanto se destacou, como Lisboa agora constata.

A ESCOLA POMICOLA DE QUELUZ

A Escola Pomicola de Queluz, que foi instituída pelo governo provisório no intuito de desenvolver entre nós a indústria da jardinagem e formar horticultores experimentados, tem já prestado relevantes serviços.



Tomou-se como baseado ensino a prática. Os rapazes, ao cabo d'algum tempo, já estão aptos para certos trabalhos, como bem o demonstraram ha pouco in-do podar arvores á Amadora e a Cintra como experimen-ta-

Um aspéto da horta



Um trecho do antigo jardim do palacio construído no genero Le Nôtre e que pertence hoje á escola

ra primitivos. Creou-se a escola e, dos seus processos, do seu ensino pratico, da educação ministrada, sairiam não só horticultores mas jardineiros, não só bons mestres para a cultura mas ainda homens aptos para fazer a apresentação dos frutos e das flores nos mercados d'além fronteiras, o que não é tão facil como se julga. Foi, pois, uma excelente iniciativa que, com amor, se tem zelado.



Os chefes de pratica
mrs. J. Gignozac e J. Merlet

Portugal, mais do quenhum outro paiz, carece que os seus produtos sejam apresentados no estrangeiro, de forma a rivalisarem com os das nações menos agricolas e de menos fertilidade, mas onde os cuidados suprem o que a natureza recusa avaramente.

O nosso terreno é magnifico, mas os nossos metodos de cultu-



Um grupo de beringelas cultivadas na escola.

dos trabalhadores, succedendo o mesmo em propriedades de Vila Franca e Odiveelas.

Nos campos da escola fizeram-se plantações d'arvores nacionaes e estrangeiras e alargaram-se jardins para o cultivo das mais belas flores.

Já lá tem coleções de roseiras, de begonias, de dhalias, que os alunos tem ido

tratando e a cujo desenvolvimento assistem, recebendo assim as maiores lições e os mais uteis ensinamentos.

Creou-se também em Queluz, e isso é de uma utilidade inegualável, um curso d'agricultura pratica para os soldados da bateria aquartelada na vila.

Esses rapazes, nas horas que podem folgar do serviço militar, vão para ali e, quando regressam á terra, levam um cabedal de conhecimentos esplendido, que muito vae contribuir para o desenvolvimento da pomologia e da jardinagem nas regiões para onde se vão estabelecer.

Apesar de todos estes beneficios marcados a escola vae desaparecer se o parlamento não reconhecer os seus serviços já prestados.

Ha tempo fez-se em França um movimento de protesto, que entregou uma iniciativa do governo ás mãos de particulares. Tratava-se da conservação de um parque para o aperfeiçoamento da floricultura em determinada comuna, que não o quiz subsidiar, passando os habitantes a ter esse encargo. Em Portugal não se fará isso; tambem não vae certamente desaparecer tão útil instituição sem se mostrar, pelo menos, a sua obra desde ha dois anos, para no futuro se vêr quanto ela teria servido para o desenvolvimento da cultura feita intelligentemente e de que tão carecidos estamos.

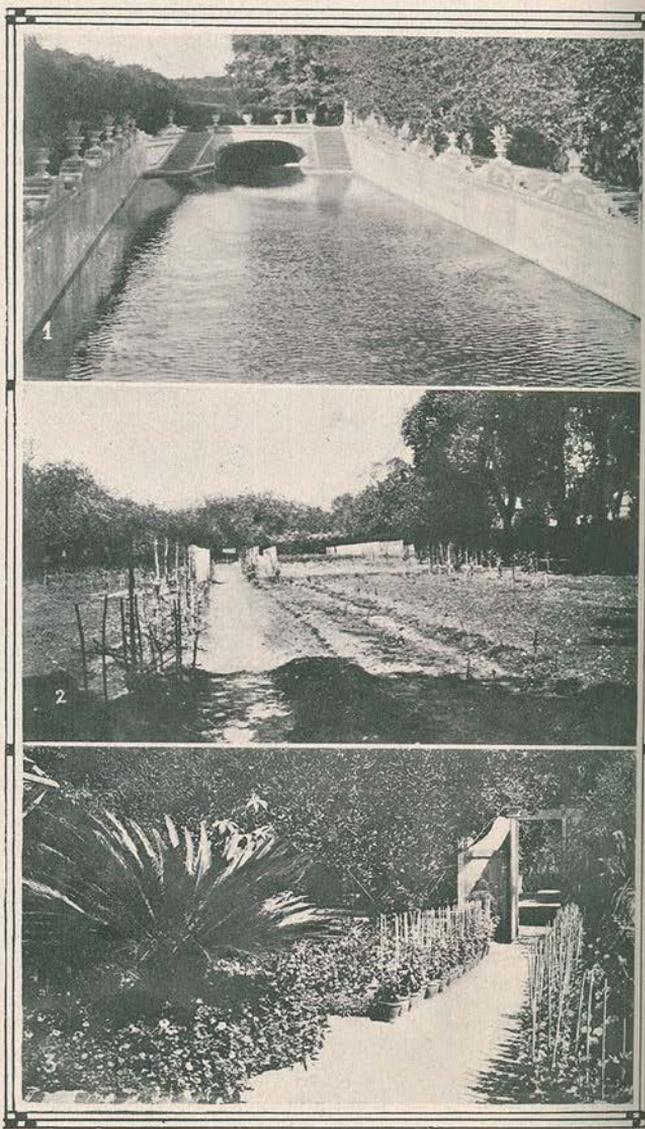
Em logar da escola parece que se estabelecerá ali um posto agrario e uma estação zootecnica.

Sem que a escola soffresse, ambas essas instalações se poderiam fazer. Ha já, e podia servir para a estação, uma grande abegoaria que pertence á escola e terrenos largos além dos muros que se podiam entregar: o posto agrario devia ser instalado mesmo na escola.

Naturalmente é o que sucederá, pois não se compreende que o parlamento vá estragar trabalho já feito e cujo futuro é largo, quando ele se podia harmonisar com o novo desenvolvimento que se pretende dar ao ramo

de serviços zootecnico e agrario. A vila de Queluz muito tem a ganhar com todas estas iniciativas que trazem para a sua população incalculaveis beneficios e muito contribuem para o desenvolvimento da terra.

A' maneira que a escola fôr dando os seus



1 O grande lago dos jardins do palacio no terreno cedido á escola de Queluz—2. Plantações da nova escola de pomologia—3. Um arruado na parte da escola destinada á jardinagem.

resultados e que se aproveitem, como é de supôr, todos os campos anexos, ela será modelar sob todos os pontos de vista e, então, se verá quanto era um erro a sua supressão.

Teatro Portuguez no Brazil



A companhia Carlos Leal e alguns jornalistas por ocasião do banquete que lhe foi oferecido pelo empresario Pascoal Segreto para celebrar o triunfo alcançado pela sua estreia no teatro Carlos Gomes, do Rio de Janeiro, onde continua trabalhando com sucesso.



Aspéto da recita de gala oferecida ao ilustre ministro de Portugal no Brazil, sr. dr. Bernardino Machado, pela companhia Carlos Leal, recita que decorreu no méo do mais vivo entusiasmo representando-se a revista «Aguenta aí» na qual se faz uma propaganda altamente patriótica da Republica Portuguesa.

Artistas portuguezes no Salon



1. -Portrait à Jeune fille-, quadro exposto este ano no Salon pela sr.^a viscondessa de Sistelo, a pintora distinta de que a «Ilustração Portugueza» tem reproduzido varias obras e a quem tem prestado a homenagem devida ao seu talento.



-Joyeuse Vieillesse-



Sr. Luiz Burnay

O sr. Luiz Burnay, filho do sr. dr. Eduardo Burnay e neto do ilustre escritor Ramalho Ortigão, encontra-se em Paris concluindo os seus estudos de pintura com o celebre pintor de Baschet estudos que começou em Portugal sob a direção do eximio professor sr. Luciano Freire. O novel pintor tem feito progressos consideraveis e já este ano expôz no Salon o quadro *Joyeuse Vieillesse*, que tem sido muito apreciado.



FIGURAS E FACTOS



1. Sr. Antonio Maria Xavier, coronel d'engenharia, falecido em 15 d'abril.—2. Sr. dr. Leopoldino Augusto Ramires, delegado do procurador da Republica no quadro da magistratura sem exercicio ha 14 anos e falecido recentemente em Bragança.—3. O sr. Manuel Teodoro Secretario industrial em Alcantara, falecido em 16 d'Abrii.—4. O sr. Carlos Ferreira, autor do livro de versos «Flebees»



Os réus do «complot» da Estrela d'ante do tribunal da Estrela. Da esquerda para a d'reita: Antonio Augusto, Carlos de Melo Costa (Ficalho), Francisco da Silva Sequeira, Francisco Antonio de Souza Alves, Antonio Nunes Cabral, Manuel Antunes José Trilho, Antonio Fausino, Francisco Augusto, David dos Santos, Antonio Santa Rita; á frente Emilia de Jesus.



O quadro sensacional dos Bandidos na peça fantastica o «Sonho Dourado» em cena no Apolo e que pela sua beleza do cenario e deslumbramento do guarda roupa faz honra á arte scenografica, aos costumieiros e aderecistas nacionaes.





1. Sr. Hipacio de Sousa Amado, distinto sportsman, e director do Clu's Naval, falecido recentemente.—2. A'fe: sr. José Joaquim dos Santos, comandante do forte de Camalongo, na Lunda, que foi trucidado pelo gentio quando do ataque.—3. Sr. Francisco glicias Alves, guarda l'vros da casa l'abro, falecido recentemente.



5. O grupo recreativo Patelico, de Coimbra, que acabou de homenagenar dois dos seus consocios $\diamond \diamond$ colocados na segunda fila fotografica.—6. A menina Aurora Salgueiro Ramos, de 8 anos, filha do sr. José P. Ramos, de Pernambuco vestida á moda do Minho.



7. O aspéto da visita de estudo do Instituto Pratico de Comercio á Fabrica de Louça de Sacavem